



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE HISTÓRIA

CAROLYN SANTIAGO PINHEIRO

**DESENHANDO A ARQUEOLOGIA AMAZÔNICA: de caco a espetáculo e o “modesto  
museozinho” de Tom Wildi**

ANANINDEUA

2021

CAROLYN SANTIAGO PINHEIRO

**DESENHANDO A ARQUEOLOGIA AMAZÔNICA: de caco a espetáculo e o “modesto museozinho” de Tom Wildi**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como  
obtenção de grau em Licenciatura em História,  
Faculdade de História, Instituto Federal de Ciências  
Humanas, Universidade Federal do Pará  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anna Maria Alves Linhares

ANANINDEUA

2021

CAROLYN SANTIAGO PINHEIRO

**DESENHANDO A ARQUEOLOGIA AMAZÔNICA: de caco a espetáculo e o “modesto museozinho” de Tom Wildi**

Trabalho de conclusão de curso, em modelo de artigo, orientado pela professora Anna Maria Alves Linhares, apresentado como obtenção de grau em Licenciatura em História, Universidade Federal do Pará

Data da aprovação \_\_/\_\_/\_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

**Banca examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anna Maria Alves Linhares

Orientadora – Universidade Federal do Pará (Ananindeua)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marcia Bezerra de Almeida

Examinador externo – Universidade Federal do Pará (Belém)/ Departamento de Antropologia da Indiana University (EUA)

---

Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Wesley Oliveira Kettle

Examinador interno – Universidade Federal do Pará (Ananindeua)

Aos meus pais, que sempre me incentivaram,  
apoiaram, e tornaram isso possível.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar esse trabalho de conclusão de curso as seguintes pessoas:

A minha família, minha mãe, Solange Santiago, ao meu pai, Ismael Pinheiro, por me proporcionarem todos os recursos e apoio necessários para a realização deste curso. As minhas sobrinhas, Roberta Riker e Sarah Berdine, por serem um apoio fundamental de toda minha vida.

Ao meu companheiro, Jeferson Antony, por estar ao meu lado e pelo apoio em todas as dificuldades.

Aos meus amigos de graduação Felipe Almeida, Edimar Junior e André Lisboa, por essa amizade, e toda ajuda e companheirismo durante o curso, que vibraram e vivenciaram comigo cada etapa vencida. E são a minha família dentro da universidade

A minha amiga Vanessa Luz que sempre me incentivou e ajudou no que fosse preciso.

A minha orientadora, Anna Linhares, por acreditar em mim para desenvolver esse projeto, por toda ajuda e incentivo.

Ao corpo docente e professores convidados que contribuíram para a minha formação, em especial os professores: Roberta Alexandrina, Sueny Diana, Sidiana Macêdo, Wesley Kettle, Wesley Garcia, Hector Calixto e Eliane Lopes. A presença e o conhecimento deles ao longo da minha graduação, não só me ajudou a escrever este trabalho, como a pensar toda uma prática metodológica e certamente, todo este conhecimento estará presente tanto na minha vida como historiadora, quanto na minha vida privada.

Aos demais servidores do campus, sempre dispostos a ajudar e atender nossas demandas, em especial, o secretário de História Matheus Reis, pela sua proatividade e gentileza.

A Universidade que me proporcionou uma das melhores vivências e aprendizados da minha vida.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente colaboraram com o sucesso desse trabalho.

## RESUMO

Esse estudo objetivou a criação de um material didático sobre ensino patrimonial, tendo em vista que a educação patrimonial colabora com a formação da identidade e identificação com o patrimônio. E para além de gerar uma identidade com os grandes monumentos que trazem uma memória da elite, se faz necessário ensinar sobre o patrimônio de uma minoria que ainda é pouco valorizado – no caso deste trabalho os indígenas Marajoara. A partir disso, o presente trabalho produziu como produto uma história em quadrinho acerca da cerâmica marajoara, tendo como fonte o diário de Tom Wildi – arquiteto suíço e arqueólogo amador, veio para o Brasil e esteve várias vezes na ilha do Marajó para realizar a coleta dos objetos marajoara para ser utilizada como material didático por escola do ensino público e privado. Os registros de campos de Tom Wildi, como fotografias, cartas, anotações pessoais foram analisadas para que junto com o levantamento bibliográfico feito acerca da educação patrimonial e história em quadrinho, fosse produzido esse material didático, que posteriormente foi aplicado em sala de aula. Obtendo um resultado satisfatório dessa aplicação, e abrindo outras possibilidades para o uso desse material em sala de aula.

**Palavras chaves:** Educação patrimonial. história em quadrinhos. cerâmica marajoara. diário de Tom Wildi. ensino de história.

## **ABSTRACT**

This study aimed to create a didactic material on heritage teaching, considering that heritage education collaborates with identity formation and identification with heritage. And in addition to generating an identity with the great monuments that bring a memory of the elite, it is necessary to teach about the hereditament of a minority that is still of little value - in this work, specifically the Marajoara indigenous people. Based on this, the present work produced a comic story about Marajoara ceramics as a product, based on the diary of Tom Wildi - Swiss architect and amateur archaeologist who came to Brazil and visited the island of Marajó several times to collect Marajoara objects to be used as didactic material by public and private schools. Tom Wildi's field records, such as photographs, letters, personal notes, were analyzed so that along with the bibliographical survey done on heritage education and comic book history, this didactic material was produced, which was later applied in the classroom. Obtaining a satisfactory result from this application and opening up other possibilities for the use of this material in the classroom.

**Keywords:** Heritage education. comic. Marajoara pottery. Tom Wildi's diary. history teaching.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1. Figura 1 – primeira página da HQ "desenhando a arqueologia amazônica" .....23
2. Figura 2 – segunda página da HQ "desenhando a arqueologia amazônica" .....24
3. Figura 3 – terceira página da HQ "desenhando a arqueologia amazônica" .....25
4. Figura 4 – quarta página da HQ "desenhando a arqueologia amazônica" .....26
5. Figura 5 – quinta página da HQ "desenhando a arqueologia amazônica" .....27
6. Figura 6 – sexta página da HQ "desenhando a arqueologia amazônica" .....28

## SUMÁRIO

7. Introdução.....	8
8. Memória, identidade e patrimônio.....	9
9. Patrimônio, preservação e ensino patrimonial.....	10
10. História em quadrinhos e escola.....	14
11. HQs e o ensino de história.....	15
12. Indígenas Marajoara e a espetacularização.....	17
13. HQ e enredo.....	20
14. Pesquisa na sala de aula.....	27
15. Conclusão.....	31
Referencias bibliográficas.....	33
Referencias iconograficas.....	35

## **1. Introdução:**

Não é difícil encontrar referências à arte ou indígena Marajoara, seja em objetos decorativos, ou todo tipo de serviços e produtos, como condomínios, teatros, réplicas de cerâmicas, embalagens com símbolos marajoaras na sua decoração, entre outros. Basta uma pequena pesquisa na internet para verificar o quanto esse simbolismo está presente atualmente, até mesmo com tatuagens, mas pouco se sabe do real significado dessas simbologias. (LINHARES, 2017)

Atualmente estamos acostumados a ver esses símbolos vinculados a algo comercial e estético, sempre com o objetivo de vender e chamar atenção através do nome ou dos símbolos marajoaras. É necessário perceber que a cultura de um povo foi ressignificada para atender desejos da elite e do Estado, sendo espetacularizada e reduzida a um uso estético e de interesses de determinadas classes sociais e como ela ainda é vista como uma memória nacional, como símbolos de uma brasilidade, as cerâmicas marajoaras permanecem sendo utilizadas no comércio, tendo acentuada que os produtos com os seus símbolos representam a verdadeira raiz brasileira, espetacularizada como foi no oitocentos. É essencial que se pense para além disso, que se ensine que essa memória foi construída e manipulada para interesse de uma parcela da sociedade, e se desmistifique a construção feita sobre os indígenas. (LINHARES, 2017)

O presente artigo está sendo apresentado como trabalho de conclusão de curso e é referente ao projeto de pesquisa “Cerâmica Marajoara e educação patrimonial: o diário de campo de Tom Wildi”, fruto de bolsa de pesquisa PIBIC, tendo como fontes os registros de campo e Tom Wildi como diário de campo, fotografias de campo, cartas e cadernos. Trazendo a reflexão sobre a espetacularização das cerâmicas marajoara e o ensino patrimonial para valorizar essa cultura e enxergar além da estética e exotismo.

Tendo o objetivo de analisar os registros de Tom Wildi e a partir deles produzir um material didático em formato de história em quadrinhos que possa ser utilizado pelo ensino básico nas aulas de história sobre patrimônio histórico e ensino patrimonial. Baseando-se em referências sobre educação patrimonial, HQ's e sobre a construção da identidade nacional.

Tom Wildi era um arquiteto suíço apaixonado por arqueologia, veio para o Brasil e esteve várias vezes na ilha do Marajó para realizar a coleta dos objetos Marajoara. Wildi participava ativamente das escavações e a partir da década de 1950, começou a montar seu museu particular. Fazia todas as anotações em seu diário de campo, seu acervo tinha mais de 900 peças, com a sua morte em 1985, o acervo foi doado para a universidade Federal de Santa

Catarina em 1990, onde foi guardado e acondicionado com estrutura e climatização adequada (LINHARES, 2017)

## **2. Memória, identidade e patrimônio:**

O ser humano está frequentemente buscando guardar suas memórias. Os egípcios registravam relatos de grandes batalhas e acontecimentos nos templos e túmulos, eram feitos registros escritos de histórias religiosas por diversas civilizações, templos e monumentos eram erguidos para que quem o ergueu e a sua civilização não fossem esquecidos. Com o avanço da tecnologia, tornou-se possível capturar imagens, gravar vídeos; devido a isso, se pode ter o registro de grandes acontecimentos históricos, por exemplo, vídeos e fotografias da segunda guerra mundial. Atualmente, também fazemos esses registros, fotografamos comemorações, eventos, para que se possua o registro e a sua memória não se perca, desde grandes construções até artefatos e danças, são tombados como patrimônio para a preservação dessa memória.

Não apenas a guarda da memória, mas a construção dela, como por exemplo, o que é selecionado para o tombamento, que memória se deseja construir a partir deles, de quem é a memória que se está sendo repassada. É a partir desses lugares, que a memória precisa ser pensada, a fim de reconstituir identidades, e questionar as memórias já existentes. Mas a memória também está ligada ao esquecimento, por isso a importância de se preservar o patrimônio e a memória coletiva. Segundo Vítor Hugo Garais:

Mas, se a memória pode ser definida como sendo lembrança, necessariamente, também é composta pelo esquecimento, uma vez que um não existe sem o outro, no processo de atualização do passado, quando evocado. (...) A memória, em sua faceta individual e coletiva, está ancorada ao patrimônio cultural, de onde se projetam as representações do lugar, que determinada sociedade humana habita. Assim, pode-se afirmar que a memória nos dá a sensação de pertencimento e existência. Daí a importância dos chamados lugares de memória para as sociedades humanas e para o indivíduo. (GARAEIS, 2005, p. 28)

Memória e identidade também estão relacionadas. A identidade é a fonte de experiência de um povo, ela pode ser ganha ou perdida e mudar de acordo com o sujeito, a sua construção social está marcada pelas relações de poder, sendo assim, a identidade precisa da memória, já que ela é um elemento importante do que se chama de identidade individual e coletiva (TORRES; SCHIAVON, 2015). Para Vítor Hugo Garais:

Os elementos constituintes da cidade, elaborados por seus habitantes, no tempo, são referenciais da sua identidade, pois é através destes fragmentos do passado, da comunidade, que os indivíduos podem recontar sua história. (...). Assim, é por meio do espaço da urbe que se desenvolve a memória da comunidade e sua história. (GARAEIS, 2005, p. 28)

Dessa forma, pode-se perceber a relação entre memória e identidade e como a preservação do patrimônio é importante para a manutenção da memória e estimular o sentimento de identidade e identificação com o patrimônio local, fazendo com que a pessoa conheça sua história emergindo um sentimento de pertença ao lugar e comunidade de que se faz parte, como afirmou Zarbato

(...) a análise sobre o direito à memória enquanto direito de cidadania, afirma que todos devem ter acesso aos bens materiais e imateriais, os quais manifestam o passado, a tradição, a história. Desta forma, conhecer, difundir e valorizar um bem cultural ajuda a entender “quem somos, para onde vamos, o que fazemos” e precisa ser preservado, uma vez que faz parte de um acervo cultural, referência para produzir a nossa identidade histórico-cultural. (ZARBATO, 2015, p. 84)

Sendo assim “pode-se afirmar que a memória nos dá a sensação de pertencimento e existência. Daí a importância dos chamados lugares de memória para as sociedades humanas e para o indivíduo.” (GARAEIS, 2005, p. 28). Posto isso, ao trabalhar patrimônio e ensino patrimonial não se pode perder de vista os conceitos de memória e identidade, pois estão intrinsecamente ligados.

### **3. Patrimônio, preservação e ensino patrimonial:**

O patrimônio é classificado como material e imaterial; o primeiro é acerca dos bens tangíveis, que podem ser percebidos pela sociedade a partir da sua existência material; já o segundo, é acerca das práticas sociais e culturais coletivas, como por exemplo: festividades, danças e celebrações.

Na primeira metade do século XX a discussão sobre a proteção do patrimônio histórico Brasileiro se iniciou, e na semana da arte moderna, tendo Mario de Andrade como um de seus protagonistas, apontou a diversidade cultural existente no Brasil, o que provocou uma reflexão sobre a importância da cultura e, nessa situação, foi criado o Sphan – o atual IPHAN – responsável pela proteção desse patrimônio cultural, tendo como objetivo “identificar, documentar, proteger, promover, divulgar o patrimônio cultural brasileiro.” (PINHEIRO et al, 2012, p.86). Nesse momento, a preservação do patrimônio tinha enfoque no que chamamos de “pedra e cal” e as medidas de preservação eram nesse enfoque. De acordo com Fonseca:

A imagem que a expressão “patrimônio artístico e cultural” evoca entre as pessoas é a de um conjunto de monumentos antigos que devemos preservar, ou porque constituem obras de arte excepcionais, ou por terem sido palco de eventos marcantes, referidos em documentos e em narrativas dos historiadores. (...) (essa política de patrimônio) está longe de refletir a diversidade (FONSECA, 2009, p.59)

A partir da década de 1970, segundo Pinheiro et al. (2012), os critérios adotados para a preservação do patrimônio começaram a ser reavaliados, desta forma, esta política de

preservação se estendeu para o que chamamos atualmente de patrimônio cultural imaterial, que abrange as manifestações culturais de grupos sociais diversos. Não privilegiando apenas testemunhos oficiais da história, grandes monumentos, os quais privilegiam a memória de uma elite, mas sim manifestações de outros grupos, como indígenas, negros, entre outros.

Antes dos critérios de preservação serem reavaliados e o patrimônio imaterial ser incluso nesse aspecto, o que se costumava preservar e considerar patrimônio era o que é chamado de “pedra e cal”, as grandes edificações e monumentos. Esses monumentos guardam a memória de uma elite, da classe burguesa e branca, o que fazia as minorias sociais não se sentirem representadas, pois sua cultura não era reconhecida como patrimônio. Essa política de preservação veio a ser mais conhecida como tombamento, o que reforçou a ideia de que as políticas de patrimônio são elitistas e conservadoras, já que os critérios para o tombamento privilegiavam monumentos que são vinculados à grupos de tradição europeia, os quais, são as classes dominantes no Brasil (FONSECA, 2009).

Com a reavaliação, o chamado “patrimônio das minorias” – que a própria nomenclatura perpassa por um aspecto político, marginalizando estes grupos – pode ser inserido e reconhecido, e para, além disso, patrimônio deixou de ser considerado apenas o monumento, passando a existir o patrimônio imaterial, onde se preserva danças, comidas, entre outros. Le Goff escreve sobre a importância de valorizarmos todo material histórico como documento, independente do registro escrito, como escreve:

[...] considerar os documentos como monumentos, ou seja, colocá-los em série e tratá-los de modo quantitativo; e, para além disso, inseri-los nos conjuntos formados por outros monumentos: os vestígios da cultura material, os objetos de coleção (cf. pesos e medidas, moeda), os tipos de habitação, a paisagem, os fósseis (cf. fóssil) e, em particular, os restos ósseos dos animais e dos homens (cf. animal, homo) (LE GOFF, 1990, p.553)

Trazendo o “patrimônio das minorias” – negros, indígenas, entre outros – faz com que se aumente a diversidade e a identificação com o patrimônio, faz crescer o sentimento de pertença e identidade. Para além da ‘pedra e cal’ é valorizar manifestações culturais diversas, não se prender apenas a um grande monumento como Pinheiro et al (2016, p.89) escreve “A perspectiva ampla de patrimônio cultural [...] inclui o direito à memória de diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, dentre eles os das culturas indígenas e africanas.”.

No âmbito educacional, existem leis que amparam o ensino de patrimônio nas escolas, na legislação nacional e no conteúdo das diretrizes educacionais, tem-se a Lei de Diretrizes e Bases e os Parâmetros Curriculares Nacionais, na devida ordem, os quais dizem que as características regionais e locais da cultura e da sociedade devem ser observadas voltadas para a divulgação do acervo culturais presente nos municípios e estados, e que o aluno deve

conhecer a diversidade do patrimônio etnocultural brasileiro, e isso o faz ter uma atitude de respeito com os grupos e pessoas que o compõe (ZARBATO, 2015).

Não apenas essas leis, mas também o “decreto-lei n 25, de 20 de novembro de 1937, promulgado pelo presidente Getúlio Vargas; bem como da difusão do artigo 216 da constituição de 1988, e a divulgação do decreto-lei n 3.551 de 04 de agosto de 2000” (ZARBATO, 2015, p.79) e também a criação do Sphan, e um Guia básico de Educação Patrimonial, preparado pelo mesmo, todos esses suportes legais “[...] contribuem para o aprofundamento meta-teórico e para as práticas didáticas no ensino de história [...]” (ZARBATO, 2015, p.79)

O ensino patrimonial traz muitos benefícios ao debate sobre a inserção do patrimônio das minorias, pois leva para dentro das escolas essa diversidade de manifestações culturais e patrimônio, fazendo o aluno reconhecer-se como parte de uma memória comum, conhecer sua identidade cultural e reconhecer-se nela, aflorando o sentimento de pertença e cidadania. Para Zarbato:

A metodologia da Educação patrimonial pode contribuir para a compreensão do passado, instigando nos/as alunos/as os sentimentos de pertencimento ao seu lugar, com a inserção e utilização de procedimentos que podem constituir relações identitárias entre o educando e a história local através da construção de saberes sobre o patrimônio cultural. (ZARBATO, 2015, p.85)

Dessa forma, o aluno que antes não se identificava com os monumentos que refletiam uma cultura europeia elitista, agora pode ter uma memória e, até mesmo, criar um vínculo com esse patrimônio, porque ele vai passar a se reconhecer nele, criando uma nova memória para a localidade e o sentimento de pertença e cidadania no aluno, que passará a se enxergar no patrimônio<sup>1</sup>. Segundo Saballa:

O que se busca é a tomada de consciência das comunidades sobre a relevância da geração, valorização e resguardo de patrimônios culturais locais. (...) a educação patrimonial trabalha no sentido de que os sujeitos tomem contato com os patrimônios de suas localidades, a fim de assentar em bases sólidas a identidade cultural, com apropriação e valorização de heranças (...) (SABALLA, 2007, p. 23)

Assim também, o ensino patrimonial educa os alunos a valorizarem o patrimônio, e o preservarem. Mesmo que o governo deva investir em preservação e manutenção dos patrimônios – onde há poucos investimentos e valorização – os alunos devem aprender que a manutenção do patrimônio também é dever deles e que o devem preservar. Ensinando sobre

---

<sup>1</sup> Sobre sentimento de pertencimento com patrimônio arqueológico, ler: *LINHARES*, Anna Maria Alves. De caco a espetáculo: produção de cerâmica marajoara em Cachoeira do Arar, ilha do Marajó. Dissertação (Mestrado) -, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007. Que mostra como os moradores do lugar passaram a se identificar com a identidade marajoara a partir dos projetos de educação patrimonial do Museu do Marajó, pensando pelo padre Giovanni Gallo.

isso, aproximam do aluno, aspectos muitas vezes do seu dia a dia que passaram despercebidos, e ensina a importância deles, e valoriza a sua memória. Como afirma Pinheiro:

Os bens culturais podem ser postos em um catálogo de bens tombados ou registrados, mas se não forem vivenciados, não resistirão aos crivos da história e da memória. (...). Por esta razão, o bem tornado patrimônio precisa ser reinventado de tempos em tempos, sob pena de ser apagado da história; a definição de patrimônio não prescinde à vontade de reafirmação do compromisso das gerações futuras com esses bens. (PINHEIRO et al., 2012, p.100)

Os bens culturais e materiais precisam ser ensinados, pois não se pode deixá-los apenas como tombados ou registrados, se assim ficarem, serão esquecidos e desvalorizados. Por isso a importância do ensino patrimonial para a manutenção e preservação desses bens; levando o conhecimento para as pessoas, elas podem se identificar e criar a sua memória, preservando e valorizando o patrimônio.

As atividades realizadas na área de Educação patrimonial têm dado resultados, como Fratini (2009) escreve sobre educação patrimonial nos arquivos e diz que essas atividades auxiliaram na preservação dos arquivos e modificou a visão equivocada que boa parte da população tem acerca do arquivo. Torres e Schiavon (2015) escrevem sobre a experiência de levar os alunos em determinados locais da cidade, tendo aulas expositivas para complementar o conteúdo, as autoras escrevem que houve uma mudança no olhar do aluno sobre a cidade e uma nova leitura sobre ela, com a percepção de detalhes antes despercebidos.

Com esses exemplos, podemos perceber a contribuição de uma educação patrimonial, desse ensino dentro das escolas, e para além de novas percepções acerca da cidade ou patrimônio estudado, os alunos conheceram a sua história, se identificando com as suas vivências e assim se tornando sujeito histórico, pois “Não se pode deixar que a criança pense que a sua cultura, os seus costumes ou a sua religião não sejam inerentes ao processo histórico-social em que vive.” (CAMPAM, 1997, p.15), e se faz necessário se identificar com suas vivências para se tornar sujeito histórico, dessa forma se deve criar possibilidade para os alunos aprenderem e se identificarem com algo presente na sua cultura. (CAMPAM, 1997)

Quando se fala de patrimônio, é importante ter em mente que o que é considerado patrimônio, perpassa por um aspecto político, com a intenção de se ter uma memória coletiva acerca de determinado patrimônio. Entretanto, para muitas pessoas e comunidades, o patrimônio que é identificado a elas, não é reconhecido por elas. José Gonçalves (2005) (2015) escreve sobre essa concepção, coloca que o patrimônio muitas vezes é reivindicado para uma luta e um movimento político, para a reivindicação de direito, sem que no cotidiano daquele grupo ele seja reconhecido como tal.

A partir dessa ideia, Marcia Bezerra (2015) escreve sobre o ensino patrimonial desconectado da vivência e cultura dos moradores locais, segundo ela, o discurso preservacionista do estado se utiliza dos projetos de educação patrimonial para fomentar a padronização da visão sobre a cultura material e do passado. Esses projetos, através de seus folhetos, passam a ideia de que “servem para educar gente sem educação, nesse caso sobre seu próprio patrimônio” (BEZERRA, 2015, p. 220), utilizam de material com muitos problemas como: “linguagem inadequada, extrema simplificação dos conteúdos, desprezo pelas histórias locais e falta de perspectiva crítica” (BEZERRA, 2015, p. 220)

Tendo em vista o que já foi abordado anteriormente, quando se trabalha patrimônio, principalmente em uma sala de aula ou para uma comunidade, não se pode perder de vista que cada grupo e sociedade tem sua própria perspectiva do que lhe é patrimônio e como preservá-lo ou não<sup>2</sup>. Os critérios para tombamento e a criação da memória nacional nem sempre estão relacionados com a memória e vivência local, e não se pode perder de vista essa discussão na hora de levar a educação patrimonial para a sala de aula, pois o aluno precisa se enxergar no patrimônio e valorizá-lo, dessa forma não pode ser algo desconexo da sua vida.

#### **4. História em quadrinhos e escola**

A princípio a relação entre história em quadrinhos e o seu uso nas escolas não era de grande interação, seus usos eram pontuais e esporádicos por professores. Surgiram críticas ao uso das HQs, nas quais eram ditas que queriam incluir hábitos estrangeiros nas crianças e que esses hábitos eram prejudiciais. Apesar dessa resistência inicial, com o passar do tempo, os quadrinhos foram ganhando uma maior aceitação no ambiente escolar. (SANTOS; VERGUEIRO, 2012). Para Lima:

No que concerne ao campo da educação, o movimento de aceitação e incorporação dos quadrinhos foi ainda mais significativo, concentrando-se, em especial, em finais do século XX. De acordo com Waldomiro Vergueiro, tal processo acentuou-se durante a década de 1970 com publicações de quadrinhos com fins educativos, os quais ajudaram a firmar o entendimento de que as HQs podiam ser utilizadas para transmissão de conteúdos escolares (LIMA, 2017, p.148)

Como na citação acima, na década de 1970, esse processo de aceitação se intensificou, já se podia encontrar em livros didáticos brasileiros, sequencias de histórias em quadrinhos.

---

<sup>2</sup> José Gonçalves apresenta um grupo, os Batamalida, no noroeste da África, que tem as suas casas apreciadas pelo ocidente por conta da sua estética. Essas casas foram reconhecidas pela UNESCO como patrimônio da humanidade, entretanto a concepção de casa e arquitetura dos nativos não coincidem com a dos ocidentais, pois enquanto estes acreditavam que quando o homem mais velho da família morre, a casa necessariamente deve ser demolida, os ocidentais prezam pela preservação e não demolição. Ler: GONÇALVES, José R.S.. O mal estar no patrimônio: identidade tempo e destruição. In: Estudos históricos. Rio de Janeiro, vol. 28, n. 55, 2015, p. 211-228

Também, desde a década de 1980, as análises a respeito das HQs e do conhecimento histórico ampliaram-se no Brasil (LIMA, 2017).

Em 1997, os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) colocaram as Histórias em quadrinhos dentro da sala de aula. Segundo Lima (2017), nesse mesmo ano, foi criado o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), que tinha como finalidade a compra e distribuição de obras em escolas de ensino fundamental e médio, o mesmo, em 2006 incluiu HQs nas obras adquiridas, nas quais, foram cerca de 4% do total.

Com o passar dos anos o PNBE foi ampliando o número de obras em quadrinhos, para ensino fundamental e médio, e Educação de jovens e adultos, o que segundo Lima (2017), ocorreu possivelmente devido a um aumento nos recursos do programa. Não apenas esses programas, mas o avanço de estudos acadêmicos sobre HQs, a promoção de encontros e atividades relacionadas a esse universo, entre outras, que contribuíram para este cenário de inclusão das histórias em quadrinhos no ambiente escolar.

## **5. HQs e o ensino de história**

No ambiente de sala de aula é necessário trazer novas metodologias e abordagens para manter a dinamização da aula e o interesse dos alunos pelo conteúdo a ser aprendido. Trazer novas linguagens contribui para essa diversificação da aprendizagem e dinamização do cotidiano escolar, o que permite que o aluno compreenda melhor a mensagem que o professor deseja passar (PALHARES, 2008).

A possibilidade da utilização de HQs no ensino de História rompe com a metodologia de uma aula exclusivamente utilizando o livro didático, na qual ele é a única fonte de conhecimento e reflexão histórica. Ampliando a perspectiva dos alunos para novas fontes histórias e novos métodos de aprendizagem.

Com a abertura do espaço escolar para o recebimento de novas linguagens, e o novo movimento historiográfico para a expansão da perspectiva de fontes, foram se afirmando dentro do ensino de história (LIMA, 2017).

A história em quadrinho, como forma didática, pode ser utilizada de diversas maneiras, as quais estão a critérios do professor, do assunto e material disponível. Elas podem ser utilizadas como fontes, como atividade – tendo o professor a opção de pedir que o aluno produza uma ou apenas analise uma já feita. Pode ser utilizada para introdução de conteúdo, explicação de conceitos, complemento de um conteúdo já ministrado, entre outras formas que irão depender do recurso e criatividade do professor.

Além de dinamizar o conteúdo em sala de aula, a HQ incentiva a leitura, pois se torna mais atrativas às crianças do que um livro comum. Há um grande desinteresse pela leitura, o qual muitas vezes é associado às tecnologias digitais, entretanto, Santos (2001) escreve que no Brasil há diversos processos que provocam esse desinteresse tanto relacionado à política quando ao social e econômico:

(...) a existência de uma interpretação do governo federal de que os quadrinhos são mais indicados à realidade do ensino básico, manifesta na seleção e na distribuição das HQs pelo ensino fundamental e médio (...) por mais que sejam indiscutíveis os avanços alcançados pela inclusão dos quadrinhos (...) as obras continuam a ser consideradas “ferramentas” que permitem ao estudante alcançar outras formas de leitura, criando, assim, uma hierarquização de leitura. (LIMA, 2017, p.149)

Como na citação acima, há autores que discordam que o quadrinho deva ser tratado como uma leitura inicial, para estimular os alunos a lerem, pois dessa forma, hierarquizam a leitura, menosprezando as HQs. As Histórias em quadrinhos devem ser vistas como uma leitura que por ter linguagem diferente dos livros tradicionais, se torna mais atrativa para os alunos e pode ser usada como instrumento didático em sala de aula.

No livro didático a HQ pode ser utilizada para a explicação de conceitos abstratos, que apenas por textos haveria uma dificuldade em se explicar e ser compreendido. Com os recursos presentes na animação – como as imagens e onomatopeias – a compreensão se torna mais fácil. Toda via, é importante a atenção no momento de produção dessas HQs, pois muitas vezes possuem excesso de textos e imagens chamativas em detrimento do conteúdo (SANTOS, 1977).

Utilizadas como fontes históricas, o professor pode selecionar uma história em quadrinho de um determinado período e ver como ela apresentava determinado assunto. Os autores Lima (2017) e Langer (2009), abordam a desconstrução de estereótipos presentes nos quadrinhos; roupas, armas, entre outros, e fazendo a análise de como – no caso dos exemplos dos devidos exemplos que deram – povos são estereotipados, como essas visões permanecem até os dias atuais e como isso nos possibilita fazer uma análise da sociedade na época em que a tirinha foi produzida. Segundo Lima:

(Menciona alguns quadrinhos) convidam o professor de História a atentar aos estereótipos étnicos que se estruturam e se reafirmam por intermédio dos quadrinhos, às tradicionais histórias fundadas nos grandes homens e nos grandes feitos, e à historicidade do discurso presente nas HQs. (LIMA, 2017, p.168)

Como na citação acima, é importante se atentar para esses estereótipos e histórias tradicionais; levar esse debate sobre a manutenção desses rótulos é importante para desconstruir nos alunos imagens pré-estabelecidas, que por muitas vezes podem ser preconceituosas e fomentar o debate acerca do assunto em sala de aula. Utilizar as HQs como

metodologia, não só chamará a atenção dos alunos para o que está sendo discutido, mas também trará o debate de forma diferente e interessante para os alunos.

Sendo assim, com a progressiva aceitação das histórias em quadrinhos nas escolas e sala de aula, entendendo suas linguagens e a gama de possibilidades do seu uso e abordagem, pode-se perceber que as HQs não são apenas uma leitura de entretenimento e cultura de massa, mas pode ser usada de forma didática, trazendo para a sala de aula novas perspectivas e abordagens antes não trabalhadas.

Desta forma, a utilização metodológica da história em quadrinho para trabalhar educação patrimonial apresenta resultados positivos, como será apresentado posteriormente neste trabalho. Como já discutido, a linguagem da Hq faz com que o aluno se interesse pela aula – como comprovado pela aplicação em sala do trabalho – trazendo uma nova dinâmica e visto que está presente no cotidiano dos alunos. A Hq junto com o ensino patrimonial tem um grande potencial metodológico e se bem trabalhada, dará bons resultados.

## **6. Indígenas Marajoara e a espetacularização**

Atualmente, é difícil encontrar alguém que nunca tenha visto ou ouvido falar em arte marajoara e nos Marajoara. Com o uso do simbolismo marajoara para a construção de uma memória nacional, houve uma grande difusão das suas cerâmicas e arte, sendo reproduzidas na arquitetura do século XIX, a qual era consumida pelas classes abastadas, objetos de decoração, como tapetes, toalhas de mesa; empresas se utilizando da arte e da imagem do indígena para propagandas publicitárias. Isso permanece até os dias atuais, podem-se perceber logotipos de empresas utilizando símbolos marajoaras, e até mesmo o nome “marajoara”, réplicas de cerâmicas sendo vendidas e utilizadas para a ornamentação da casa. Dessa forma, os símbolos e cerâmicas marajoaras foram retirados do seu contexto original e ressaltado seu valor estético, tratados como diferentes e exóticos, caracterizando a sua espetacularização. Segundo Linhares:

Nesse sentido, percebe-se que o simbolismo marajoara foi se afastando, tanto em seus significados quanto em sua funcionalidade, dos significados originais conhecidos pelos estudos arqueológicos. Porém, no caso brasileiro, bem antes de ser usado pelas campanhas publicitárias ou pelo turismo, com o objetivo de comercializar esse simbolismo, seu uso esteve atrelado ao longo processo de construção da identidade nacional brasileira (LINHARES, 2017, p. 151)

Com a responsabilidade de D. Pedro II de criar uma memória nacional, ele utilizou-se de objetos salvaguardados por instituições, como o Museu Nacional, o qual teve sua formação em consonância com o projeto de identidade nacional aos moldes românticos; ele “passou a

ser criador e agenciador de símbolos culturais, entre os quais se insere a utilização de objetos da cultura material indígena” (LINHARES, 2017, p.24)

A priori, o museu foi tido como uma instituição para mostrar curiosidades etnográficas, com o passar do tempo, o museu promoveu a espetacularização das cerâmicas marajoaras, a partir do frequente interesse de pesquisa acerca delas. O espaço que essas pesquisas tiveram na revista do museu, a qual era reconhecida internacionalmente “[...] conferiu visibilidade aos cacos e objetos de cerâmica encontrados na ilha do Marajó, institucionalizando o seu simbolismo” (LINHARES, 2017, p.46)

A escolha dos índios marajoara como símbolo de identidade nacional não foi ao acaso. Essa construção de memória teve base no ideário romântico, o qual tinha como objetivo construir uma literatura apoiada na imagem de um Brasil indígena, mas não foram todos os índios que foram utilizados como representação do romantismo. Os povos indígenas “passaram por uma classificação e duas categorias de índios se destacaram [...] de um lado estavam os tupi-guarani, que eram extintos ou supostamente assimilados e, de outro, os que foram genericamente chamados de Botocudos, falantes da língua tapuia” (LINHARES, 2017, p.33-34)

Esses indígenas foram associados a diferentes imagens, que se contradizem, os Aimorés – chamados Botocudos – como inferiores, e menos civilizados; e aos tupis, “a certa superioridade, os tupis foram remetidos a um passado remoto, vinculados a imagem de contribuição heroica à consolidação da presença portuguesa, como fizera o romantismo com a imagem do índio na literatura” (LINHARES, 2017, p.34-35), aos Marajoara foram atribuídos a ideia de mais civilizados porque produziam cerâmicas e as ornamentavam, o que foi relacionado com objetos conhecidos europeus; houve essa valorização das cerâmicas e dos Marajoara quando era consideradas semelhantes a objetos e costumes europeus.

Foram feitos estudos para saber se os Marajoara pertenciam ao tronco linguístico Tupi, e apesar de não haver concordância entre os teóricos que pesquisavam e escreviam sobre as cerâmicas, o que importava era a caracterização do Brasil como um país civilizado, então, “os Marajoara não mais existiam, não significavam um entrave aos projetos de civilização. Eram índios extintos cuja imagem podia ser moldada livremente como índios bons, sem a possibilidade de confronto e contestação” (LINHARES, 2017, p. 37-38). Como os Marajoara foram exaltados como símbolo da identidade nacional, desta forma foram valorizados através de estudos vinculados ao Museu Nacional, mesmo sem acreditar na sua variação linguística “o simbolismo marajoara seria espetacularizado como emblema da identidade nacional” (LINHARES, 2017, p.38).

Esses objetos da cultura marajoara para representar ideais políticos da elite, foram espetacularizado “exaltados, teatralizados e expostos” (LINHARES, 2017, p. 48), eles deveriam compor uma memória em que a elite imperial pudesse se reconhecer, e que elas acreditavam melhor representar o Brasil, sendo assim, consonante com seus projetos políticos. Ainda para Linhares:

A apropriação estética cumpre o papel da “domesticação”, a selva é “domada” porque ressignificada (...) a cerâmica arqueológica marajoara alcança a posição de símbolo de identidade nacional, passando a ser expressa nos mais distintos espaços das cidades, como forma de lembrar quem somos nós e de onde viemos (LINHARES, 2017, p. 152)

Uma outra imagem em torno do índio e da nação foram construídas no governo de Vargas, conhecido como Estado novo. A imagem do índio Marajoara continua a ser glorificada por sua beleza estética, mas ainda vista como exotismo. Vargas foi o primeiro presidente a visitar uma aldeia indígenas, e eles seriam utilizados como quem expressariam as verdadeiras raízes do Brasil, o tradicionalismo. A imagem do índio foi chamada para a política, a elite se preocupava com a origem da raça e da nação, fazendo se pensar numa integração do indígena por parte do governo, porém, não foi uma integração que atendessem as necessidades dos povos indígenas, pois não eram ouvidos, e deveriam passar por adaptações para serem integrados, as quais eles deveriam perder suas terras e deixar de lado suas tradições (LINHARES, 2017). Segundo a autora supracitada:

Permanece a ideia de que, se viemos da selva, todos nós, brasileiros, não somos selvagens como os Botocudos, mas herdeiros de povos capazes de produzir uma arte refinada tal qual a produzida por gregos, romanos, egípcios, o que nos conecta com a história da civilização mundial (LINHARES, 2017, p. 153)

Linhares (2017) faz a análise de diversas fotografias de cômodos de residências ou estabelecimentos, nos quais pode-se perceber a grande influência no design, dos símbolos marajoaras. Gradil, tapetes, vasos, pisos, e outros tipos de ornamentação com símbolos marajoara que estavam presentes nas casas nesse período, eram residências voltadas para a elite, isso demonstrava um status social, entretanto, não eram apenas as classes privilegiadas que usaram esse simbolismo no seu cotidiano. Como essa identidade nacional a partir do uso dos símbolos marajoara já havia sido criada, o seu consumo se dava mais por uma espetacularização do que por conhecer o real significado dos símbolos. E não apenas em suas casas, mas a utilização do índio como propaganda e venda de produtos, a criação de uma emissora de televisão chamada “Tv Marajoara”, coleções de utensílios domésticos com desenhos marajoaras, entre outras utilizações da imagem do índio e dos símbolos marajoaras. Para a autora:

As pessoas que tinham a oportunidade de ter uma casa no estilo do retiro Marajoara, mesmo que não soubessem o significado daquelas ornamentações, eram distintas socialmente de outras que não as tinham como lugar de morar, que não tinham acesso às obras e muito menos que não as apreciavam (LINHARES, 2017, p. 154)

O colecionismo também é uma forma de espetacularização, pois também vai retirar um objeto do seu contexto e o ressignificando. Dono de uma grande coleção de cerâmicas marajoara, Tom Wildi era um arquiteto suíço apaixonado por arqueologia, veio para o Brasil, ele esteve várias vezes na ilha do Marajó para realizar coleta dos objetos marajoaras “Nos trabalhos realizados nos sítios arqueológicos, ele geralmente tinha a ajuda de um guia e um vaqueiro, trabalhadores das fazendas em que se localizavam os tesos” (LINHARES, 2017, p.191) ao chegar à fazenda, eles lavavam e selecionavam as peças.

Wildi participava ativamente das escavações e a partir da década de 1950, começou a montar seu museu particular, e fazia todas as anotações em seu diário de campo. Seu acervo tinha mais de 900 peças. Nele “podiam-se encontrar igaçabas, vasos, ídolos, tangas, entre outros objetos de várias partes do mundo. Tom Wildi não montou o museu com objetos coletados apenas por ele próprio. Ele também adquiriu objetos através de doações de fazendeiros do Marajó” (LINHARES, 2017, p.194). Wildi morreu em 1985 e todo o seu acervo foi doado para a Universidade Federal de Santa Catarina em 1990, onde foi guardado e acondicionado com estrutura e climatização adequadas para o material.

Desta forma, ao compreender o processo de espetacularização ligado à criação da memória nacional – no qual os objetos arqueológicos marajoaras foram tirados do seu contexto e ressignificados, usando os símbolos marajoaras para fins estéticos, decorativos e comerciais – podemos perceber as manutenções de algumas práticas até os dias atuais, quando ainda se espetaculariza esses símbolos e objetos, desconexos de um passado, não conhecendo a história e nem o significado dos símbolos e cerâmicas.

## **7. HQ e enredo:**

Tendo em vista tudo que fora discutido ao longo desse artigo e sobre o que me propus a fazer, apresento uma HQ com o objetivo de ser utilizada em sala de aula para abordar o assunto da criação da identidade nacional a partir da espetacularização dos Marajoaras e do seu simbolismo. A história é encenada numa sala de aula, tendo como professora, Moema, e como aluna principal, Niara, ambas com características indígenas. E o segundo aluno, que aparece mais adiante na história, chama-se Igor e tem características afro-indígenas. A caracterização dos personagens dessa maneira foi escolhida para que eles pudessem se identificar com o tema discutido na história, e para que o leitor, para além de se identificar

com o tema Marajoara discutido, possa se identificar com os personagens, considerando que boa parte das representações midiáticas e em histórias, os protagonistas são brancos. Também foi escolhido que as duas protagonistas fossem mulheres, pela falta de representação feminina, principalmente indígena.

A história começa com os alunos voltando do final de semana, e a professora pergunta quem gostaria de compartilhar com a turma como foi o final de semana. Niara levanta a mão e fala que foi à Icoaraci<sup>3</sup> e viu os vasos marajoaras, então a professora pergunta se eles gostariam de saber mais sobre isso e se eles já perceberam o quanto de lugar e objetos com o nome e o estilo marajoara estão ao nosso redor. Dessa forma, ela começa a explicar sobre a criação da identidade nacional e de como foi usado para atender uma demanda estética da elite.

Ela explica o porquê precisamos saber disso e valorizar esse patrimônio, depois que Igor pergunta porque precisa saber o significado dos símbolos e a história. A professora explica que os Marajoaras são nossos ancestrais, fala um pouco sobre eles e começa a falar sobre Tom Wildi, nessa parte do enredo, os desenhos foram feitos a partir das fotos e diários de campo<sup>4</sup> do mesmo, quando ela finaliza a explicação, os alunos entendem a importância de se preservar o patrimônio, que faz parte de sua história e dizem que agora conseguem se identificar com ele.

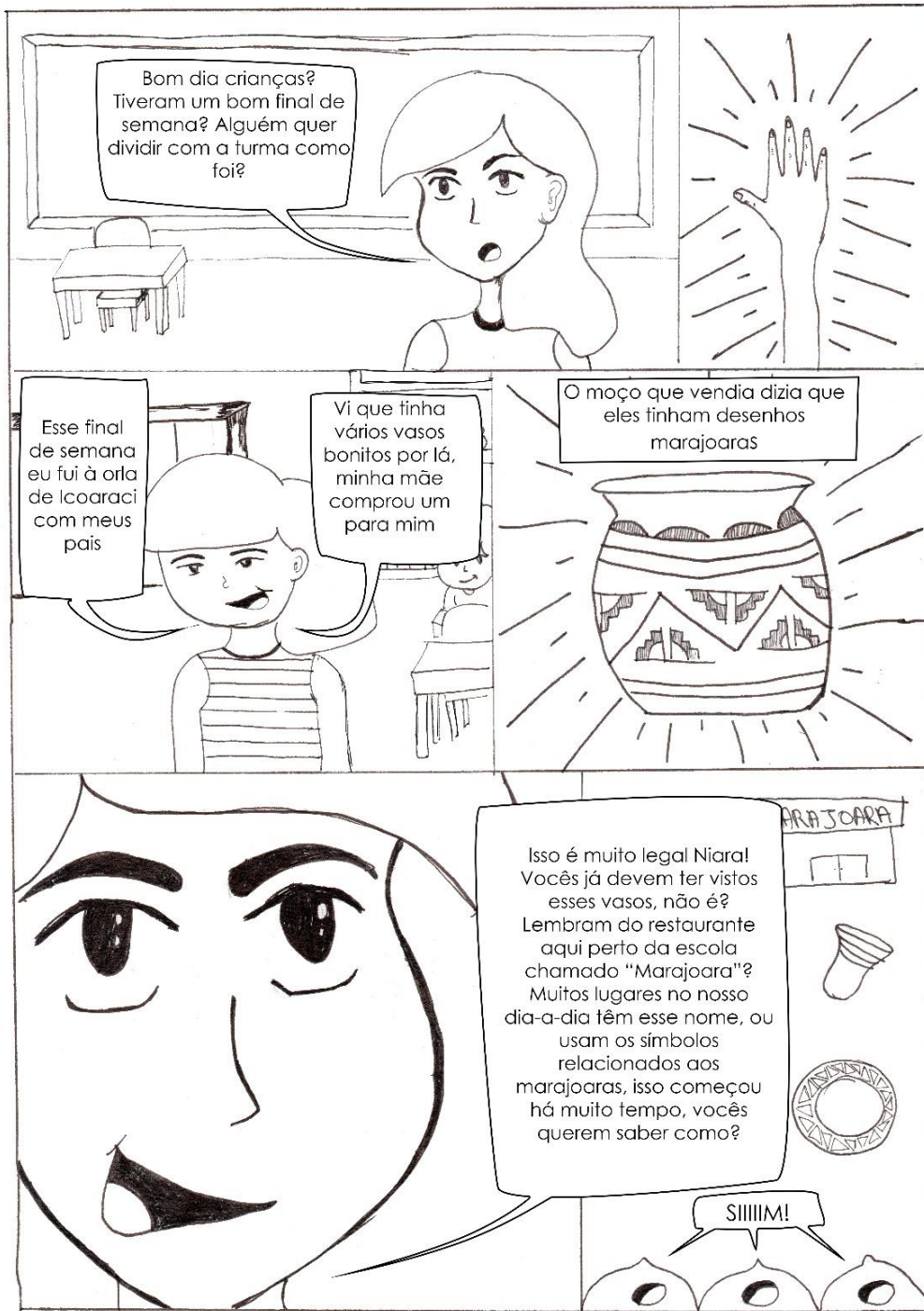
A história em quadrinhos foi pensada para não ultrapassar 10 páginas, considerando que será utilizada como material didático e deve se ter tempo para lê-la e trabalhá-la na aula. A escolha de utilizar Icoaraci se deu devido a muitas pessoas que moram no Pará, principalmente em Belém e região metropolitana, conhecerem essa produção de vasos e objetos de cerâmica com símbolos marajoara que há lá, sendo assim, busco trazer para o conhecimento do aluno, assim poderá começar a ler a história em quadrinhos e já identificar algo que conheça, ou seja, Icoaraci é usado para desnaturalizar o olhar já naturalizado acerca dessa produção. Como se pode ver na história em quadrinhos a seguir:

---

<sup>3</sup> É uma cidade distrito de Belém, que tem um bairro todo responsável pela produção de cerâmica copiada das arqueológicas e que, no imaginário social, é visto como o lugar que propagou a disseminação desse simbolismo desde a década de 1970, 1980, algo que Linhares (2017) desconstrói em sua pesquisa.

<sup>4</sup> Esses registros são as fontes principais desse projeto de pesquisa, o quais foram doados pela Maria Beatriz Wildi, neta de Tom Wildi.

Figura 1 – primeira página da HQ "desenhando a arqueologia amazônica".



Autora: Carolyn Santiago

Figura 2 – segunda página da HQ "desenhando a arqueologia amazônica".



Autora: Carolyn Santiago

Figura 3 – terceira página da HQ "desenhando a arqueologia amazônica".



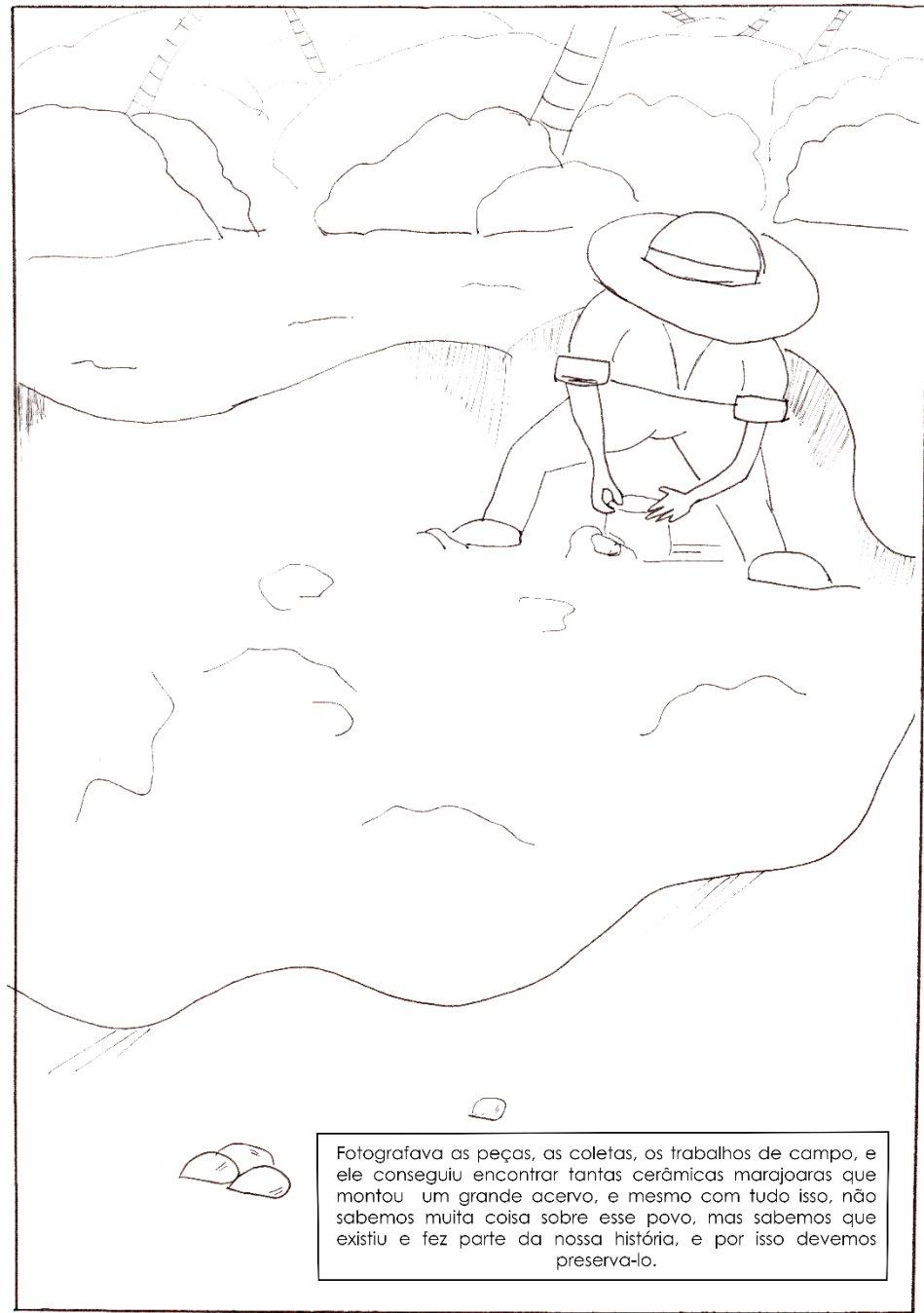
Autora: Carolyn Santiago

Figura 4 – Quarta página da HQ "desenhando a arqueologia amazônica".



Autora: Carolyn Santiago

Figura 5 – Quinta página da HQ "desenhando a arqueologia amazônica".



Autora: Carolyn Santiago

Figura 6 – Sexta página da HQ "desenhando a arqueologia amazônica".



Autora: Carolyn Santiago

Para obter um retorno da história em quadrinhos e perceber se ela cumpria com os objetivos, a utilizei em sala de aula, passando também um questionário para os alunos, para saber o que eles compreenderam e a sua opinião após terem realizado a leitura da HQ.

#### 8. Pesquisa na sala de aula:

No dia 22 de outubro de 2019 foi passado um questionário na escola Antônio Gondim Lins para a turma de primeiro ano do ensino médio (101); um total de 20 alunos responderam

o questionário, os quais, em geral, estão na faixa etária de 15 e 16 anos, tendo dois alunos de 14 anos e um de 17 anos.

Durante o questionário boa parte dos alunos se concentrou e o fez com cuidados, alguns alunos estavam dispersos, mas conseguiram finalizar o questionário, eles interagiam entre si, conversando sobre as respostas do questionário e a história. A metodologia adotada foi reuni-los em 5 grupos para lerem a história em quadrinhos e responder as questões. Segundo Waldomiro Vergueiro, a metodologia para se utilizar HQs em sala de aula pode ser diversa, basta ter o cuidado e estar preparado para os vários questionamentos e interpretações do aluno, se uma leitura livre da HQ for a opção do professor, é importante que ele dê uma cópia da HQ para cada aluno, para que possam fazer a leitura individual.

Vale ressaltar que o professor deve compreender que os alunos farão a interpretação de múltiplas formas, e que ele deverá ter a previsão das possíveis interpretações e compreensões dos alunos acerca da história em quadrinhos. (PALHARES, 2008). Desta forma, foi escolhido que os alunos lessem sem o acompanhamento do professor, pudessem conversar entre si, e por isso os grupos, mas sem uma aula cuidadosamente planejada pelo professor e nem a leitura com ele, o que fez com que os alunos compartilhassem uns com os outros o que eles haviam compreendido da história, o objetivo por trás dessa escolha de metodologia é perceber se a história em quadrinhos por si só consegue, ao menos, fazer uma introdução sobre o assunto abordado.

A partir das leituras das respostas, em minha avaliação, teve um resultado positivo, pois nelas, na maioria os alunos conseguem chegar em respostas falando sobre a valorização de patrimônio e sua importância<sup>5</sup>.

A primeira pergunta foi o que eles compreenderam após a leitura da HQ, a maioria das respostas falava sobre a importância marajoara na nossa cultura, a importância de preservação da sua cerâmica, que suas cerâmicas e símbolos não eram meramente estéticos, mas possuíam significado para o seu povo e que precisavam aprender mais sobre a cultura indígena. A aluna Ágatha, ao responder essa pergunta, escreveu “Eu entendi que devemos preservar a nossa primeira cultura, pois apesar de estarmos nessa época moderna ainda temos algumas influências” (Ágatha, 15 anos), e a aluna Isabelle, escreveu “entendi que devemos preservar mais o patrimônio do nosso estado, a cultura se não preservar iremos perder tudo” (Isabelle, 15 anos), Talita escreveu “ eu entendi que precisamos aprender a valorizar a cultura dos

---

<sup>5</sup> Ressaltando que a história em quadrinho presente nas imagens anteriores sofreu algumas modificações devido as correções pós defesa do TCC. O sentido permaneceu o mesmo, mas houve acréscimos como o momento em que se fala do museu Goeldi e da legislação arqueológica, por exemplo.

indígenas e que toda a cerâmica faz parte da nossa história que os vasos marajoara não são enfeites mas sim que há um significado para o povo” (Talita, 15 anos), e por fim, Rebecca escreveu “ entendi que os vasos que eram para ser ‘somente objetos’, são uma riqueza dos indígenas não por serem um bem material e sim por terem um significado grande para suas culturas”

Com essas respostas já se pode perceber que mesmo ser auxílio de um professor, a HQ consegue atingir o seu objetivo, ressaltando que o entendimento seria muito melhor com uma aula ou oficina como acompanhamento e auxílio do professor, mas para alunos que nunca tiveram contato, o que é o caso das alunas citadas acima, elas conseguiram ter um bom entendimento do assunto.

As perguntas dois e três se referiam se os alunos gostariam de ter aula com história em quadrinhos e se antes de lerem a HQ já conheciam ou ouviram falar nos Marajoara. Em resposta, apenas dois alunos disseram não querer ter aula com HQ, justificaram escrevendo que os alunos não levariam a sério, mas os outros responderam em afirmativo e escreveram que a aula fica mais interessante, dinâmica e chama mais a atenção. Essas respostas são importantes para ter uma comprovação não apenas bibliográfica sobre a utilização de HQ em sala de aula e como esse método desperta o interesse do aluno em aprender. As respostas para a segunda pergunta foram divididas ao meio, 10 dos 20 alunos que realizaram a pesquisa já tinham ouvido falar sobre os Marajoara, um aluno relatou que havia ido a orla de Icoaraci, visto como que se faziam as cerâmicas e visto algumas que estavam prontas, outros alunos mencionaram que ouviram falar, mas nunca pesquisaram sobre, para os demais a resposta foi negativa.

Para muitos alunos, o que conheceram dos Marajoaras foi o que viram na orla de Icoaraci, ratificando o que Linhares (2017) trata em sua pesquisa, alguma replica das cerâmicas em algum lugar, ou até mesmo o nome em algum estabelecimento comercial, assim como dito no início do quadrinho, mesmo já ouvindo falar sobre eles, esses alunos não conheciam a história e nem a importância de se conhecer e preservar, assim como outros que nem haviam ouvido falar.

E por fim, a última pergunta foi qual a importância de se preservar a cultura e o patrimônio indígena, quase todos os alunos responderam que fazia parte na nossa cultura, que precisamos valorizar porque para os indígenas o que eles faziam tinha significado (fazendo referência aos marajoaras), sugerindo que as peças deviam ser colocadas em um museu e que todos deveriam ir aprender a nossa cultura. Pedro escreveu “Temos que valorizar o nosso patrimônio histórico/indígena pois faz parte de nós, de nossa história e aprender sobre eles

que é o mais importante” (Pedro, 15 anos). Mesmo fazendo a leitura da HQ sem o auxílio de um professor, os alunos tiveram uma compreensão satisfatória do que foi escrito na história em quadrinhos, com o meu tempo de experiência estagiando na escola, não houve aula, mas pude perceber que o professor seguia uma história quadripartite e aulas expositivas, o que me possibilita acreditar que os alunos não tiveram acesso a uma aula de educação patrimonial e como foi mostrado na pesquisa, não tiveram acesso aos conhecimentos sobre os Marajoaras, para analisar suas respostas, é necessário ter isso em mente.

Os alunos, de formas diferentes, escreveram que é preciso reconhecer a cultura indígena, pois faz parte de nossa história, que ela tem um significado para o seu povo e se não valorizarmos podemos perder essa cultura. Fazendo uma relação de memória com identidade, quando reconhecem como parte de uma cultura paraense, sendo assim, uma identidade nossa, que poderemos perder se não houver a manutenção e preservação dessa memória, como foi sugerido expor em um museu e que todos deveriam estudar mais sobre isso, como já mencionado, memória de identidade estão relacionados, segundo Torres e Schiavon (2015), a identidade é a fonte de experiência de um povo, que pode ser ganha ou perdida e a sua construção está marcada pelas relações de poder.

Ter o Marajoara como identidade nacional foi uma construção política e voltada para atender uma demanda da elite, tornando suas cerâmicas e símbolos como algo meramente estético, espetacularizando suas cerâmicas e cultura, entretanto, como Anna Linhares (2017) escreve, é possível utilizar essa espetacularização para ensinar sobre cultura e educação patrimonial. Não há como falar que os símbolos marajoaras não estejam presentes no cotidiano, principalmente do Paraense, e apesar da construção dessa memória ter se dado de forma a retirar o significado desse simbolismo para os Marajoara. A memória é seletiva, e pode ser moldada com as relações de poder, e é preciso manter a memória acerca dos Marajoaras e além disso, é preciso ensinar que é preciso preservar esse patrimônio, que é nossa identidade, mas também é a identidade de um povo, e é preciso conhecer, para não esquecer e preservar.

A história em quadrinhos, é um material didático, que mesmo lida sozinha pelos alunos é capaz de fazer o aluno pensar na importância de se preservar esse patrimônio. E se mostrou um material que despertou a atenção e interesse deles, abrindo a possibilidade do professor que optar por sua utilização de realizar oficinas e outras atividades com os alunos. Esse tipo de trabalho pode auxiliar nas observações de imagens estereotipadas dos povos indígenas de forma geral e que a partir das reflexões, essa imagem estereotipada dos indígenas seja ressignificada

## **9. Conclusão:**

O ensino patrimonial vinculado ao ensino dos patrimônios das chamadas minorias sociais é muito importante para o aluno valorizar o patrimônio local e ensinar a preservação do mesmo, possibilitando a ele reconhecer-se como parte de uma memória comum e conhecer sua identidade cultural e identificar-se nela, aflorando o sentimento de pertença e cidadania, entretanto, percebemos que com a construção de uma identidade nacional brasileira, essa memória acerca dos Marajoara foi construída para atender demandas da elite, para ser uma memória que a classe mais abastada pudesse se identificar; foi construída sendo valorizado apenas a estética, tornando as cerâmicas espetacularizadas. E hoje, ainda se valorizando a beleza estética e ainda sendo algo atrativo no meio comercial, para dar um “ar de brasilidade” ao produto vendido ou estabelecimento, permanecendo com a ressignificação, por isso é importante trazer esse debate para sala de aula, ensinar o significado arqueológico dessas cerâmicas e símbolos e mostrar esse patrimônio vinculado com os indígenas, e não mais com uma memória construída pelo estado e pela elite.

A partir disso, a forma com que este assunto será abordado, também é importante, utilizar uma metodologia que mantenha os alunos interessados e facilite o aprendizado, como as histórias em quadrinhos, que já é uma leitura conhecida do aluno e que o permite entender conceitos que apenas por um texto escrito ele não teria a mesma facilidade. Para além disso, trabalhar com as cerâmicas marajoaras em uma história em quadrinhos permite que o aluno possa ver os desenhos das cerâmicas e os símbolos, não se prendendo a apenas uma descrição, possibilitando que ele aprenda visualmente também e tenha uma maior fixação do conteúdo estudado e do debate realizado em sala de aula.

Com esse projeto, se obteve, como produto final, uma história em quadrinhos, que será disponibilizada para uso dos professores do ensino básico, tendo como fonte os registros de campo de Tom Wildi, como as fotografias, diários de viagem, cartas, anotações e caderno, pois, mesmo os arquivos pessoais serem um tipo de espetacularização, trabalhando ele junto com a história em quadrinhos e ensino patrimonial pode-se ensinar a valorizar o patrimônio Marajoara e mostrar que é mais que símbolos e ornamentos comuns do dia-a-dia. Proporcionando ao aluno a identificação com o patrimônio, valorizar o mesmo e compreender a cultura marajoara para além da espetacularização. E de acordo com a pesquisa feita, apenas a história em quadrinhos lida com a metodologia utilizada já obteve resultados satisfatórios, com o acompanhamento de um professor em sala de aula o debate poderá ser feito com maior qualidade, alcançando o objetivo do ensino patrimonial vinculado ao ensino de história

relacionado aos Marajoaras, mas não apenas a eles, podendo ser feita a discussão sobre diversas outras etnias e a importância de preservar e garantir os seus direitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Moema Bacelar; KETTLE, Wesley Oliveira. Em busca da paternidade: Landi e a invenção da cidade histórica. *Revista de Estudos Amazônicos*, v. 3, p. 27-39, 2008.

BEZERRA, Márcia. Na beira da cava: arqueologia, educação patrimonial e direitos humanos em serra pelada, Pará, Amazonia. In: *revista de arqueologia*. Vol. 28, n. 2, 2015, p. 216-228

BEZERRA, M. 2010. 'Nossa Herança Comum': considerações sobre a Educação Patrimonial na Arqueologia Amazônica. In: PEREIRA, E. & GUAPINDAIA, V. (Orgs.) *Arqueologia Amazônica*. Belém, MPEG, vol. 2, pp.1021-1036.

CAMPAM, Adriana. Educação Patrimonial: uma experiência em busca de uma inovação no ensinar e no aprender. *Revista Brasileira Estudos Pedagógicos*, v.78, 1997, p. 7-21.

CASCO, Ana C. Amorim Jara. Sociedade e Educação patrimonial. IPHAN, p. 1- 5

CHOAY, Françoise. O patrimônio histórico na era da indústria cultural. In: \_\_\_\_\_. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Unesp, 2006. p. 205-237.

CURY, Cláudia Engler. Educação Patrimonial E As Interfaces Com O Ensino De História: os museus de rua em São Paulo. *História Revista*, Goiânia, v. 14, n. 1, 2009, p. 51-62.

D'ALESSIO, Márcia Mansor. Metamorfoses do patrimônio—O papel do historiador. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro: IPHAN, n. 34, p. 79-89, 2011.

FRATINI, Renata. Educação patrimonial em arquivos. *Revista Eletrônica do Arquivo Público de Estado de São Paulo*, n.34, 2009.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; Chagas, Mário. *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 59-79.

GARAEIS, Vítor Hugo. Educação patrimonial: práticas alternativas, memórias, identidades e representações. *Textura*, n. 11, 2005 p. 27-36

GONÇALVES, José R.S.. Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. In: *Estudos históricos*. Rio de janeiro, vol. 1, n.2, 1988, p. 264-275  
\_\_\_\_\_. O mal estar no patrimônio: identidade tempo e destruição. In: *Estudos históricos*. Rio de janeiro, vol. 28, n. 55, 2015, p. 211-228

\_\_\_\_\_. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônio. In: *Horizontes antropológicos*. Porto alegre, ano 11, n. 23, 2005, p. 15-36

GUIMARÃES, Edgard. História em quadrinhos como instrumento educacional. *Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação*, Campo Grande, 2001, p. 1-16.

GUIMARÃES, Edgard. Uma caracterização ampla para a história em quadrinhos e seus limites com outras formas de expressão. Consultado a 31 de outubro de 2018 em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/1836635ef083f30606fba7842cbcfabb.PDF>, p. 1-13.

JAREK, Gisele Lütke S. Cidades, Culturas, Memórias E Identidades: uma proposta em educação patrimonial. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 2, 2007, p. 180-191.

LANGER, Johni. O ensino de História Medieval pelos quadrinhos. *História, imagem e narrativas*, n. 8, 2009, p. 1-23

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: \_\_\_\_\_. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p. 283-290.

\_\_\_\_\_. Memória. In: \_\_\_\_\_. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p. 419 – 476

LIMA, Douglas Mota Xavier de. Histórias em quadrinhos e ensino de História, *Revista História Hoje*, v. 6, nº 11, 2017, p. 147-171.

LINHARES, Anna Maria. Um grego agora nu: índios marajoara e a identidade nacional brasileira. Curitiba: CRV, 2017

MATOS, Luana Silva Bôamorte de. Desafios às ações de educação Patrimonial nas escolas. IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, p. 1-9.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n.10, dez. 1993. p.7-28.

PALHARES, M. C. (2008). *História em Quadrinhos: Uma Ferramenta Pedagógica para o Ensino de História*. Programa de Desenvolvimento Educacional. Paraná. Consultado a 31 de outubro de 2018 em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2262-8.pdf>, 2008.

PINHEIRO, Áurea; MOURA, Cássia; SOUZA, Márcia Costa de. Ensino, Patrimônio Cultural E Sociedade. *Historiæ*, Rio Grande, 2012, p. 85-112.

PINTO, Helena. Educação patrimonial e educação histórica: contributos para um diálogo interidentitário na construção de significado sobre o passado. *Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, vol. 19, núm. 1, 2015, pp. 199-220

POULOT, Dominique. Cultura, História, valores patrimoniais e museus. *Varia História*, v. 27, n. 46, p. 471-480, 2011.

SABALLA, Viviane Adriana. Educação Patrimonial: “Lugares de Memória”. *Revista MOUSEON*, v. 1, 2007, p. 23 -25

SANTOS, Roberto Elísio dos. Aplicações da História em quadrinhos. *Comunicação & Educação*, São Paulo, 2001, p. 46-51.

SANTOS, Roberto Elísio dos; VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. *EccoS – Rev. Cient.*, São Paulo, n. 27, 2012, p. 81-95.

RAMOS, Paulo. É possível ensinar oralidade usando histórias em quadrinhos? *Revista intercambio*, v. 15, São Paulo, 2006.

TORRES, Tatiana C. Pastorini; SCHIAVON, Carmem G. Burgert. Educação patrimonial e o ensino de história das cidades. *Revista Memorare*, Tubarão, SC, v. 2, n. 2, 2015, p. 52-71.

ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins. Ensino De História, Patrimônio Cultural E Currículo: reflexões sobre ações educativas em educação patrimonial. *Revista Labirinto*, Porto Velho, Vol. 22, 2015, p. 77-90

### **REFERÊNCIAS ICONOGRAFICAS**

SANTIAGO, Carolyn. *Desenhando a arqueologia Amazônica*.